

## CULTURA POPULAR, ESPORTE E CURRÍCULO: REMINISCÊNCIAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

NATANAEL VAZ SAMPAIO JUNIOR\*  
FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA\*\*

### INÍCIO DO DIÁLOGO...

*[...] temos de trazer uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças. Ao contrário, quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descrevem poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança. (HALBWACHS, 2003: 33)*

Expor, no início deste ensaio um pensamento de Maurice Halbwachs, não é por acaso, é sem dúvida acreditar que para o estabelecimento de diálogos entre jogos de cultura popular e o esporte, se faz necessário acessarmos as memórias dos atores sociais<sup>1</sup> envolvidos neste estudo, trazendo a tona, rastros de lembranças das fases de infância à adulta, onde os jogos da cultura popular ocupavam parte da vida desses atores, na tentativa de perceber indícios da presença do esporte, enquanto fenômeno social de grande relevância, nas suas trajetórias sociais e de vida.

Tais indícios nos possibilitarão também compreender como ser deram o processo educativo e a relação dialética estabelecida entre o ser humano e a sociedade. Pensar nessa relação é sem dúvida possibilitar a construção das nossas memórias e do processo histórico que se caracteriza com acontecimentos frutos da simbiose entre os atores sociais e a sociedade a que pertença.

Nessa trajetória sociocultural, é possível percebermos também, uma forte presença do currículo escolar, neste caso, o currículo da área de Educação Física, enquanto artefato recheado de significado, exercendo influência nas mudanças de hábitos dos atores sociais deste estudo, ganhando no tempo e no espaço pedagógico a sua consolidação. Lógico, que não nos ateremos neste ensaio às diversas compreensões de currículo, apesar de compreendermos

---

\* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e sociedade.

\*\* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professor Adjunto do Departamento de Ciências Naturais (DCN) e docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade.

<sup>1</sup> Utilizamos o termo Atores Sociais para nos referirmos aos professores de Educação Física.

que tal artefato se constituiu sobre vários olhares e realidades sociais diferenciadas, em especial, na sociedade brasileira, lócus de grande diversidade sociocultural e político.

A partir dessa premissa, refletiremos sobre aspectos inerentes à cultura popular e o currículo da área de Educação Física, buscando encontrar rastros nas memórias dos atores sociais que compuseram esta pesquisa, estabelecendo um diálogo entre as fontes orais e o aporte teórico que fundamenta nossas discussões, nos permitindo construir uma trajetória que sinalize para a compreensão dos papéis assumidos por esses atores durante seus processos de formações.

Para tanto, recorreremos primeiramente a nossa memória, por acreditar que o primeiro testemunho será sempre o nosso (HALBWACHS, 2003), e neste sentido, acreditamos que desde a fase da infância, o brincar que a princípio se constituía no ato espontâneo e cultural, totalmente desprovido de convenções socialmente elaboradas, nos permitiam estabelecer nossas primeiras relações sociais para além dos laços familiares. Crescíamos em ambiente em que não criávamos distinções entre brincadeiras e jogos, pois tudo era recheado de encantamento, e mesmo aquelas brincadeiras que deixavam de ser realizadas, não as negavam e, sim, como todo processo natural, estas evoluíam.

A utilização desses termos brincadeiras e jogos soavam outrora para nós, como sinônimos, e como algo que se caracterizava de extrema responsabilidade e comprometimento de todos envolvidos no processo, onde acreditamos que na atualidade para as crianças ainda se configurem da mesma maneira. O brincar sempre esteve atrelado a algo tão espontâneo, tão natural, que dificilmente admitiríamos no nosso mundo e das crianças que hoje convivemos, dissociá-los das brincadeiras, independentemente de ter ou não brinquedos.

Essas brincadeiras infantis em particular e jogos da cultura popular de maneira mais genérica se configuraram e ainda se configuram em passos significativos para nosso processo educativo. E se é fato que crescemos, e nos desenvolvemos em muitos aspectos, sobretudo no campo intelectual, a negação desses elementos da nossa cultura, favorece corrosões durante o processo de escolarização, ao ponto de desconsiderarmos a importância de tal ato para o processo educativo.

O primeiro indício que sustenta a nossa análise e narrativa datam o século XVIII no continente europeu, quando se percebe uma alteração no modo pelo qual alguns elementos da cultura popular local se corporificavam no âmbito das escolas europeias de maneira diferenciada, denotando o surgimento de uma nova cultura, a cultura esportiva do período

descrito como moderno, e a negação de jogos tradicionais e culturalmente importantes para alguns povos. A esse respeito destaca Bracht:

*[...] os jogos tradicionais foram esvaziados de suas funções iniciais, que estavam ligadas às festas (da colheita, religiosas, etc.). É importante observar também, que os jogos populares foram muitas vezes reprimidos pelo poder público [...]. No caso da Inglaterra, foi principalmente nas escolas públicas (Public Schools) que estes jogos vão sobreviver, pois lá eles não eram percebidos como ameaças à propriedade e a ordem pública. (2005: 14)*

Evidentemente que, são conjuntos de circunstâncias que se diferenciam no tempo e espaço, ao período ora citado e o vivido por nós, mas o fato é que, as reproduções dos valores se igualam, pois, tanto nas escolas daquele período no continente europeu quanto nas escolas da década de 1970 no município de Jequié/Bahia, lócus de nossa pesquisa, quando ingressamos, bem como, na atualidade com o ingresso dos nossos filhos, as crianças se deparam com um mundo diferente do vivido em toda sua fase pré-escolar.

Ao chegarmos à escola, confrontávamos com uma realidade em que os hábitos, valores e costumes eram estranhos aos nossos olhos, e se não entendíamos tais mudanças na fase de criança, muito menos entendemos no momento presente, onde acreditamos que é na escola, enquanto espaço por excelência de vinculação de saberes, que tais saberes ganham materialidade no contato com outros atores sociais, nossos colegas. O contato com a escola nos primeiros momentos de escolarização, provoca nas crianças certo distanciamento a tudo que os atraem, sendo possível inferirmos que é a premissa da resistência natural ao novo, mas, na certeza que haverá uma adaptação também natural com o tempo.

É na escola que adentramos no complexo universo do currículo, onde este artefato encontra o cenário propício para manifestar o processo de socialização de conhecimento, dando respostas aos anseios de uma sociedade ávida pelo desenvolvimento. Porém, Gimeno Sacristán (2013: 29) nos diz que:

*Está muito fixada a ideia de que os conteúdos escolares devem adotar os consensos, deixar de lado os conflitos, isolar-se das polêmicas nas quais seria difícil ficar neutro; como se o intento fosse colocar o estudante em uma redoma de cristal, como se, fora da instituição, ele estivesse a salvo de influências contraditórias. A cultura escolar teria outra vitalidade se abarcasse os conflitos culturais e sociais! A pretendida assepsia é exatamente uma das características mais notáveis do conhecimento escolar.*

Talvez o equívoco maior do sistema educacional, esteja em pressupor que a introdução a novas formas de aproximação a novos elementos culturais não causariam conflitos. Inevitavelmente, ao se afastar dos elementos da cultura popular, neste caso, dos jogos e brincadeiras que pautam a formação inicial de toda criança e, que, propiciam a esta, entrar em

consonância com o mundo, mesmo que de ficção, privando-a de estabelecer os diálogos necessários entre ela e os diversos atores sociais que compõem seu universo, dando materialidade a esse mundo, para aproximá-las do currículo escolar, onde a “mistura de públicos revelará conflitos culturais que, outrora, eram ocultos pela divisão e especialização social da cultura, que implica a busca nada fácil de qual cultura se deve compartilhar” (Ibid.: 29), muitas vezes, destoante da realidade vivida das crianças, certamente causará mais conflitos.

O segundo indício a essa indagação, talvez percebamos na narrativa de vida e, conseqüentemente, nas memórias dos atores sociais deste processo, o professores de Educação Física que atuam na Educação Básica e, que como tantos outros tiveram sua infância enriquecida dos elementos da cultura popular.

A aproximação com os atores sociais, neste caso, com professores de Educação Física inseridos na Rede Estadual de Educação, nos possibilitou apreender registros da história oral de vida<sup>2</sup>, obtidos através procedimento de entrevistas, com a utilização de gravações eletrônicas, baseando-se em trajetórias que são históricas e pessoais de cada entrevistado. Para tanto, delimitamos uma baliza cronológica que facilitou a definição do universo a ser pesquisado, nos propiciando registrar os relatos individuais dos professores, e assim, construir uma visão mais subjetiva das experiências narradas. (MEIHY; HOLANDA, 2013).

Partimos então da premissa que, para gravar as narrativas das histórias de vidas, se fez necessário criar as condições para que as entrevistas fruissem da melhor forma possível. Foram estabelecidos contatos com os professores para definição do local e dia para a realização da entrevista. A partir de uma entrevista piloto, optamos por uma narrativa livre, por possibilitar uma aproximação às memórias individuais dos atores sociais em questão.

O primeiro ator social citado neste ensaio nos concedeu entrevista em 14 de julho de 2014, em nossa residência, foi o professor Franck Nei Monteiro Barbosa<sup>3</sup>. Sobre o referido ator social, este é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ Campus de Jequié/Bahia. Nascido no final da década de 1960, no município de Jequié/Bahia, onde permanece residindo atualmente. Durante sua infância, este, acompanhava seu pai em suas aventuras, tanto em atividades de caça e pesca quanto nos

---

<sup>2</sup> História Oral de vida é um termo utilizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Fabíola Holanda, no livro **História Oral: como fazer, com pensar**, para designar a trajetória que é histórica e pessoal, onde valoriza a narrativas individuais em detrimento do exclusivismo da estrutura social.

<sup>3</sup> Professor da Rede Estadual de Educação Básica, lotado no Colégio da Polícia Militar Professor Magalhães Neto e é Professor Auxiliar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB/Campus de Jequié.

campos esportivos, esta última atividade, concentrava maior parte do tempo destinado à atividade de lazer por eles desenvolvida. Todavia, foram nos contatos sucessivos com os colegas residentes na mesma rua, em bairro periférico que residiam seus pais, que o ator social em questão, constituiu seu repertório de habilidades cognitivas e motoras, construindo e reconstruindo elementos que possibilitassem seu desenvolvimento também no aspecto sociocultural, tanto pela diversidade de atividades lúdicas executáveis quanto pelo que era possível de se realizar, por questões de infraestruturas locais. Em relação a sua infância, o referido ator social em entrevista concedida para esta pesquisa, explicita com mais clareza no fragmento abaixo:

*[...] morava na casa dos meus pais, no bairro do Joaquim Romão e na rua que eu morava não tinha ainda calçamento, era chão, chão batido e nós, eu e os meus colegas, os amigos da rua, os vizinhos, os quintais também não tinha muro, então os quintais na minha casa e na casa dos meus vizinhos também não tinha muro, então desde manhã cedo antes de entrar na escola, eu lembro quando eu entrei na primeira escola que eu estudei, eu lembro [...] Bom, mas antes disso a gente brincava muito na rua, eu, meus colegas, meus vizinhos a gente brincava de tudo, de bola de bicicleta, de peão, de gude, de piculinha, de esconde-esconde, de brincadeiras inventadas por nós também, né? Por exemplo, uma brincadeira que a gente inventou de vira-lata. E o vira-lata era, jogava uma lata, pegava uma lata, montava qualquer tipo de lata, amassava a lata todinha, ela ficava no formato tipo de um disco, né? Meia achatadinha, a lata, então nesse formato ela ia mais longe, então jogava a lata pra longe e quando a lata caía, o pegador tinha que ir pegar a lata e voltar e encontrar quem tava escondido, entendeu? Aí, deu-se o nome, batizou essa brincadeira de vira-lata (risos) aí, mas era muito legal.*

O reflexo do ato de brincar nas fases iniciais da vida do entrevistado foi expresso de maneira, a demonstrar a imensa amplitude da dimensão dos elementos da cultura popular, em que os jogos e brincadeiras ditavam o tom e os ritmos para o desenvolvimento humano e social, que de maneira quase natural, os significados atribuídos às brincadeiras, demonstravam a sua importância no contexto social em que o mesmo se criou. Além disso, o que percebemos no momento da narrativa, em especial, deste professor, são os momentos de excitação e a fascinação com que as recordações trazidas a sua memória provocaram, talvez a mesma excitação e fascinação que estaria sentindo se o ato de brincar estivesse próximo de acontecer.

Essa fase da infância que antecede a educação escolarizada tem um tempo relativamente bastante significativo na vida de todas as crianças, mas não duradouro, pois outras possibilidades de aprendizagem surgem em outros contextos sociais, e com isso, outras atribuições. E nisso não fora diferente para o professor Franck Nei, que iniciou seu processo na educação formal com uma professora e vizinha, que instalou no espaço de sua casa, uma

escola para que seus irmãos e outras as crianças residentes naquela localidade pudessem iniciar o processo de alfabetização. Todavia, as brincadeiras tão importantes para o desenvolvimento daquelas e de outras crianças, não deixaram de acontecer em detrimento de outras atividades que surgiram, mesmo quando este adentrou o universo da escola oficial<sup>4</sup> aos sete anos. Sobre o ingresso a escola regularizada no Sistema Educacional e as vivências corporais desenvolvidas, fruto da cultura popular e, que neste ensaio, nos referimos aos jogos e brincadeiras, buscamos recorrer à narrativa do professor Franck Nei extraída da entrevista realizada em 14 de julho de 2014, quando este nos informa que:

*[...] A gente brincava muito. Brincava de manhã, de tarde, de noite até que chegou o belo dia que nós fomos pra escola realmente sistematizada, né? Digamos o primeiro ano e eu fiz o meu primeiro ano de escola no colégio, Escola Reunida João Cordeiro. A Escola Reunida João Cordeiro, ela ficava ali do lado da Igreja Matriz de Jequié, que hoje ela tá até desativada, mas nessa escola João Cordeiro, eu fiz o primeiro, segundo, terceiro e a quarta série. [...] Já entrei aí, eu..., eu..., eu creio que foi com sete anos de idade que entrei nessa escola, estudei até a quarta série e nessa escola a gente brincava de piculinha, né? Pega-pegas e brincava também de bola, de futebol, né? Não era esse futebol de hoje, mas era um futebol de menino, né? Bola de plástico e tal e a gente jogava e, de vez em quando, tinha uma estagiária, quando a gente pegava uma turma com estagiária e a estagiária trazia novas brincadeiras, né? [...]*

É interessante percebermos que naquele período, apesar da Educação Física já se encontrar respaldada no art. 7º da Lei 5.692/71, constituída enquanto disciplina obrigatória nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, muitas escolas não possuíam em suas estruturas curriculares a referida disciplina, restringindo os momentos de vivências corporais a ações recreativas, muitas vezes, conduzidas por professores regentes ou estagiários, nos permitindo construir suposições sobre a legitimidade de tal área de conhecimento nesse contexto.

Independentemente da forma em que foram conduzidos os momentos de vivências corporais, a importância do ato de brincar se configurou em fator essencial para este ator social, pois foi através das vivências lúdicas que experimentou situações diversas, que se expressaram no desenvolvimento físico e cognitivo, numa intensa relação que propiciaram conquistas individuais e coletivas, enfatizada intensamente até o terceiro ciclo do ensino fundamental, quando este inicia uma nova etapa nas aulas de Educação Física, norteadas pela prática do esporte. Vejamos no fragmento extraído da narrativa do professor Franck Nei:

*[...] com onze anos eu fui pro IERP, se eu não me engano, com onze anos de idade eu tava na quinta série. Eu fui pro IERP, Instituto de Educação Régis Pacheco, e no*

---

<sup>4</sup> Sobre escola oficial, estamos nos referindo à instituição educacional regularizada no Sistema Educação.

*Régis Pacheco, no IERP eu estudei da quinta série até o terceiro ano do ensino médio. Então todo meu ensino fundamental II, vamos dizer assim, e ensino médio foi no IERP, né? Eh..., eu estudei no IERP até o ano de 1987, 88 parece, foi o ano que eu concluí o ensino médio. E no IERP a gente brincava muito, a gente brincava também de pega-pega, que é piculinha e a gente jogava também futebol. Era o esporte que tinha era o futebol, porque naquele tempo quem jogava vôlei era gay..., a gente chamava, entre os meninos infelizmente tinha esse preconceito, não aparecia ninguém par nos ajudar (risos) então a resenha era essa: quem jogava vôlei era gay, então a gente não queria ser gay, ninguém queria jogar voleibol, mas, uma contradição, na época dos jogos, né? Todas as modalidades, a turma toda ia torcer pelo IERP, independente da modalidade que fosse, né? Vôlei, handebol, basquete, futsal, então..., são as contradições da vida.*

A partir do contado com outro espaço educacional, os valores se alteram, o brincar que antes se configurava como algo espontâneo e desprovido de estigmas, passa a adquirir novos olhares, descortinados pela cultura esportiva e, especificamente, pela monocultura futebolística impregnada pelos valores propagados pelos profissionais de Educação Física com formação profissional limitada, muitas vezes, eram professores não licenciados na área Educação Física, que reproduziam a cultura esportiva, em especial, o futebol, pelo maior número de adeptos, mas, também, pela facilidade de transmissão e/ou reprodução do mesmo. Sobre a influência do esporte nas aulas de Educação Física, recorreremos a Taborda de Oliveira (2001: 34-35), quando afirma que:

*[...] a opção oficial pelo o esporte no Brasil foi decorrente de um transplante cultural, à medida que o esporte se consolidava como um dos maiores fenômenos de massa contemporâneos e que a pesquisa em esportes começava a ganhar relevo no país a partir da influência dos países desenvolvidos. Assim, o governo promoveu o desenvolvimento da Educação Física escolar nessa perspectiva, reduzindo seu campo de intervenção à prática esportiva de rendimento. Essa perspectiva estaria bem afeita a um processo de colonização cultural, em que pouca ou nenhuma autonomia é conferida à produção e à organização da cultura própria dos países menos desenvolvidos. Isso porque a consolidação do esporte como prática corporal teria implicado aceitar de forma definitiva e unívoca os códigos desportivos e disseminados pelos países desenvolvidos, como os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, entre outros.*

É preciso refletir que o momento histórico vivido por nosso ator social na sua fase de escolarização, exigia uma atenção especial, pois se tratava de um momento em que o ato educativo se constituía como uma reprodução de conteúdos esportivos, sem a devida preocupação de estabelecer reflexões pedagógicas, se limitando “à explicação das técnicas e ao desenvolvimento de habilidades, objetivando o exercício e o domínio por parte dos alunos.” (CASTELLANI FILHO, 2009: 29)

A essa reflexão juntar-se-ão outras tantas que tentaremos perceber nas narrativas dos outros professores de Educação Física que compuseram o universo deste estudo, quando nos restringimos às narrativas das fases da vida anterior a sua formação profissional, por entender

ser necessário deslocar suas lembranças mais significativas das suas histórias de vida, compondo assim, suas memórias, sobretudo, nos aspectos que envolvam o processo de educação, alinhavando os conhecimentos construídos nos contextos da educação informal à formal.

Outro ator social que nos possibilitou desenvolver nossas reflexões foi o professor Laerson Lopes da Silva, nos concedendo entrevista em 22 de julho de 2014, no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães na cidade de Jequié, onde trabalha desde ano de 2002. O professor Laerson é licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ Campus de Jequié/Bahia. Nascido no município de Jequié/Bahia em meado da década de 1960, sua fase infância enriquecida por jogos tradicionais e brincadeiras cantadas, que apesar de ser desenvolvidas em meio harmonioso, exigia de toda população cuidados, devido à situação em que sociedade brasileira vivia com a instauração da Ditadura Militar, provocando momentos de tensões. Sobre a fase de infância diz o professor Laerson Lopes da Silva no fragmento do trecho da entrevista abaixo:

*[...] Bem, primeiramente, eh..., tenho uma história bacana com respeito à vivência nas brincadeiras, na rua aqui com meus coleguinhas ainda, algumas coisas vagas, mas tem algumas coisas fixas até, as brincadeiras de rua que é a queimada, as brincadeiras de roda, as cantigas de roda, algumas brincadeiras de tabuleiros que é interessante também e também os babinhas com o golzinho fechados numa certa época também. [...]*

Da fase anterior ao período de escolarização, poucas lembranças foram possíveis ser registradas, e que não saberíamos sinalizar neste ensaio, se estariam relacionadas ao momento inicial ao fato histórico ora sinalizadas, ou se outros fatores contribuíram para seu desaparecimento. O fato é que, tivemos que traçar uma cronologia a partir do ano de nascimento para compreendermos de que período o professor em evidência se referia. Na fase de escolarização, teve acesso a princípio em uma escola particular, mas, que a partir da segunda série, atualmente terceiro ano do ensino fundamental, passou a estudar na rede pública, onde concluiu sua fase na educação básica.

Curiosamente esse desaparecimento percebido na fase da infância, anteriormente ao ingresso na educação formal, e posteriormente, suas lembranças mais nítidas a partir de sua vivência com outros elementos da cultura popular e também com outros atores sociais, passou a constituir um universo socialmente diferenciado na fase de escolarização, trazendo uma nitidez em suas lembranças, e que foi possível inferirmos que ao se esquecer de fato que fizeram parte da história de vida, numa perspectiva halbwachiana não pôde ser despertado

nele porque há muito tempo não há mais nada em comum entre ele e os colegas que compuseram aquele universo.

Ao passo que o sujeito interage no tempo e no espaço socialmente favorável, as suas lembranças mais nítidas ganham maior relevância, organizando no presente sua memória. E é nessa perspectiva, que percebemos na narrativa do professor Laerson Lopes, que em sua memória ele traz fatos com maior nitidez que ocorreram a partir do 3º ciclo do ensino fundamental, ou seja, da 5ª série, quando as atividades esportivas passaram a fazer parte do seu cotidiano escolar com mais ênfase. Vejamos o trecho do fragmento retirado da narrativa deste ator social ao se reportar as atividades desenvolvidas nas suas aulas de Educação Física e acontecimentos que deixaram esses rastros de lembranças, sendo corporificado na sua memória:

*[...] Na minha, exclusivamente futsal e, no finalzinho da tarde, as turmas de..., de futebol de campo, onde praticamente selecionava para, os atletas que tinha mais aptos pra participar dos campeonatos da cidade na categoria juvenil, o professor Vanderli, hoje em memória, né? [...] Bem, mas aí aconteceu uma coisa inusitada, eu nesse momento, uma certa vez, eh..., o, eu gostava de jogar no gol, né? Mas ainda não..., não tinha nenhuma ideia do que se tratava competição, de jogar modalidade esportiva, nem nada, eu lembro que eu tava na sexta série, não lembro agora, acho que foi isso sexta série eh..., na quadra, na quadra, na quadra que chega no portão de entrada da IERP, eu ainda de sandália havaiana, eu lembro a cena, eu sentado lá e não tinha goleiro no handebol. Nesse dia o professor Vanderli tava cuidando handebol, eu nem sabia que modalidade era essa, e aí ele me chamou: menino, pega no gol aqui. Eu lembro bem que foi muito interessante, guardo isso com muita alegria, é uma coisa que eu não esqueço jamais. E daí eu fui pro gol, eu pegando aos moldes de futsal mesmo. Primeira resposta que eu tive, foi uma bolada no meio do rosto e eu achei aquilo interessante, absurdamente interessante, mas, de uma certa forma foi empolgante, por causa disso foi que eu fui gostando no negócio, falei: poxa, como é legal. Daqui a pouco eu recebo uma bolada no meio da barriga, não pegou no estômago, na região do estômago, nem nada. Poxa, tô defendendo bola aqui, todo mundo vibrando por causa das defesas, não sabia nem do que se tratava. Menino vai pegar nos jogos. Falei: que jogos é esse? Eu nem sabia do que se tratava os jogos. Posteriormente, eu fiquei sabendo que eram uns jogos chamados Jogos e Recreações. Eu ainda garotinho, ainda, nessa fase, não lembro a idade, mas já tava na quinta série, isso aconteceu, basicamente, na sexta série, então logicamente dá pra gente ver [...].*

Essa ênfase dada à cultura esportiva no interior das instituições escolares naquele período, e que se perpetuaram no currículo da Educação Física, tomando dimensões que não foram possíveis avaliar sua intencionalidade dentro do contexto escolar, e a educação pela sua função sociocultural, buscou propiciar o acesso aos saberes culturalmente desenvolvido e socialmente difundido.

Outras aproximações nos foram possibilitadas durante a realização deste ensaio, dentre elas, uma importante contribuições para este estudo foi concedida pelo professor Luciano

Carolino Pinto em entrevista concedida a este pesquisador em 5 de agosto de 2014, no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia, local de atuação profissional do referido ator social, que antes de ser transformado em escola profissionalizante, recebia a denominação de Instituto de Educação Régis Pacheco – IERP. O professor Luciano Carolino, com assim é conhecido é licenciado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Nasceu em meado da década de 1960, no município de Salvador, capital do Estado Bahia, onde residiu durante suas fases de infância e parte da adolescência.

A necessidade de acompanhar seus pais, que se deslocara da capital do Estado da Bahia para o interior por motivo de trabalho, fez com que o professor Luciano Carolino se transferisse para cidade de Jequié em momento posterior a vinda dos pais, onde concluiu o ensino médio. As suas experiências das fases de escolarização foram todas construídas na rede privada de ensino. No diálogo estabelecido durante a entrevista, o referido professor fala de maneira lacônica das atividades desenvolvidas durante o período da sua infância e parte da adolescência com bastante saudosismo, vejamos:

*[...] Tive uma infância muito..., muito..., muito gostosa, digamos assim, com muitas brincadeiras, muitos amigos do lado, com que foram feitos, a gente brincava muito, naquela época, de..., de futebol, futebol sempre, sempre teve presente na minha vida, eh..., de..., de picula, todas essas brincadeiras que as crianças, antigamente, brincavam. [...] Geralmente, eram as mesmas brincadeiras e era aquela brincadeira que, que as crianças, antigamente, brincavam né? Picula, esconde-esconde, futebolzinho, aquela, tinha também uma que até um pouco mais violenta, chamava-se garrafão, não sei se você chegou a brincar de garrafão. Garrafão é um pouquinho mais assim, mais, mais exacerbada, mas, basicamente, eram as mesmas brincadeiras, tanto na escola, como também no..., na e na..., na..., no nosso eixo familiar, né? Digamos assim, residencial, no caso. Eram..., eram..., eram o mesmo tipo de, de jogos e brincadeiras e isso aí, também, como fala meu amigo Emilinho, remete a..., a..., a uma fase que foi muito legal certo? Foi essa fase minha de..., da infância até a pré-adolescência, porque foi..., foi essa coisa de descobertas, de..., de construção mesmo de amizade, certo? E, eh..., no, que você falou, quanto à questão das brincadeiras, como... , como eu já repeti, foram as mesmas brincadeiras, de picula, de baleado, de esconde-esconde, futebol. Agora, o futebol sempre teve presente, tanto na escola como também na..., na..., na parte residencial também.*

As experiências lúdicas desenvolvidas e relatadas eram iguais às descritas anteriormente em outras narrativas, bem como as atividades desenvolvidas no interior das escolas, e nesse espaço, a cultura esportiva era reproduzida como elemento predominante nas aulas de Educação Física, apontando indícios que nos faz inferir que apesar de contexto social diferenciado, aqui nos referimos a desenvolvimento e a expressão da sociedade soteropolitana em relação à cidade do interior baiano, em que fora cenário dos outros atores, as atividades lúdicas, como os jogos e brincadeiras, mas também, as atividades esportivas se igualavam.

A relevância de apreender novos esquemas e vivências favorece que o repertório cognitivo e motor desenvolvam-se amplamente nas diversas fases do desenvolvimento humano, os jogos frutos das expressões espontâneas e voluntárias da fase de infância exerciam importante função nesse processo de aprendizagem, em determinado tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas e absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, as atividades eram acompanhadas de um sentimento de tensão e alegria, e de uma consciência de ser que é diferente daquela da vida cotidiana. (HUIZINGA, 1999)

Em outro fragmento da narrativa do professor Luciano Carolino, constatamos a presença do esporte internalizado no espaço educacional enquanto elemento da cultura corporal<sup>5</sup> quase que exclusivo, e nisso não se difere de outros cenários já descritos. Neste sentido, recorreremos ao fragmento extraído da entrevista realizada com o referido professor, que narrou o período que inicia o 3º ciclo do ensino fundamental e contato com a Educação Física, vejamos fragmento abaixo:

*[...] Eh, depois, com onze anos de idade, meus pais vieram morar em Jequié e eu fiquei em Salvador, continuei estudando lá, porque estudava no Antônio Vieira, aí meu pai não..., não..., não quis me tirar do colégio, aí eu continuei morando lá, morando com minhas tias, aí eu passei a morar no Barbalho, no Santo Antônio do Carmo que, que faz parte do Barbalho e, também, foi também, uma..., uma continuidade de vida maravilhosa, também, passar minha, minha pré-adolescência e adolescência lá, fiz muitos amigos, muito legal mesmo, continuei com..., com..., com essa questão de futebol que sempre teve, assim, futebol, voleibol.*

Os estudos desenvolvidos por Castellani Filho (2009) apontam que a amplitude e qualidade das reflexões realizadas pelos atores sociais no contexto da escola e, de todo processo educacional por quaisquer que seja a área de conhecimento, determinam os conteúdos/conhecimentos de ensino que pretendem ensinar e que serão possíveis de serem apreendidos pelas áreas de conhecimentos e, conseqüentemente, pela escola, direcionando a importância e qualidade do currículo escolar.

O que observamos e de forma unanime e irrestrita foi à utilização da cultura esportiva, abordada com mais veemência naquele momento histórico e, acredito em momentos posteriores ao já descritos pelos atores sociais, justificadas por ordenamento legais, todavia, incompreensíveis aos nossos olhos, por percebermos que a Educação Física enquanto área de conhecimento que tem uma gama de possibilidades de explorar uma diversidade de elementos da cultura corporal, dentre eles os jogos e brincadeiras da cultura popular, se limita as tais

---

<sup>5</sup> Cultura Corporal é um termo utilizado no Livro Metodologia do Ensino da Educação Física de autoria Lino Castellani Filho... [et al.], que tomamos emprestado para expressar toda e qualquer atividade física, enfatizado neste estudo à cultura esportiva.

discussões a cultura esportiva. Sobre este aspecto, o fragmento do trecho dos estudos desenvolvidos por Tabora de Oliveira (2001: 36) afirma que:

*[...] a Educação Física escolar alterou profundamente seu quadro de atuação na escola na década de 1970 a partir dos ditames das novas políticas públicas gestadas pelo governo autoritário. Sendo aquele o período da ditadura militar no Brasil, desenvolveu-se uma estreita interpretação que imputa à Educação Física escolar uma função de reprodução do ideário oficial, calcado na ideologia da Segurança Nacional e do Brasil Grande, por sua vez afeita aos interesses no capital monopolista internacional. Além disso, a tecnificação das práticas corporais representaria melhoria das condições da força de trabalho, no sentido de torná-la mais eficiente e eficaz no processo de produção; a racionalidade e o planejamento da economia da educação conformavam então, as políticas públicas e, conseqüentemente, as práticas escolares, deixando pouco ou nenhum espaço para a intervenção dos sujeitos na história.*

De maneira muito semelhante nos aproximamos do professor Alberto José Andrade Ferreira em 12 de agosto de 2014, no Centro Estadual de Educação Profissional Régis Pacheco – CEEP da cidade de Jequié/Bahia, local também de atuação profissional do referido ator social. Sobre nosso ator social, o mesmo é licenciado em Educação Física pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Nascido no município de Jequié/Bahia meado da década de 1960, onde reside até o presente momento. Em relação à fase de infância o professor Alberto José relatou que teve a oportunidade de vivenciar de maneira diversificada os elementos da cultura popular tradicionalmente difundido pelos grupos sociais, sobretudo, nas classes populares, contribuindo com seu desenvolvimento, observemos no fragmento da narrativa abaixo:

*Bom, eu nasci em 66, em fevereiro de 66. Naquela época era a época da Ditadura Militar. Eh..., uma época super, hiper, conturbada no país, então, minha infância foi uma infância bastante, bastante proveitosa. A minha memória motora foi bastante, eh..., como vou falar? Eh..., ampliada, né? Pelo, pela, pelas atividades que a gente fazia na época que era picula, esconde-esconde, eh..., baleado, eh..., eh..., saltar muro em casa de vizinho, roubar fruta na casa do vizinho, ir atrás de animal no..., no..., no mangueiro aqui de Seu Pompilho Sampaio, então minha infância foi assim bastantes interessante, no nível de brincadeiras e memória motora.*

Ao analisar a narrativa do nosso ator social, sentimos a satisfação que sentira em rememorar as fases que outrora vivenciou. Percebíamos que naquele momento ele não estava sozinho em suas lembranças, as atividades narradas demonstravam os sentidos e significados intrínsecos a ela, como que estivesse se preparando para iniciá-la. Percebemos então, a necessidade de recorreremos ao pensamento de Halbwachs na tentativa de ratificar aquilo que sentíamos, quando o autor diz que:

*É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos*

*nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam”. (2003: 43)*

Nesse instante, retomamos a narrativa concedida pelo professor Alberto José, e constatamos que independentemente dos relatos sobre os jogos e brincadeiras realizadas, apesar de acreditar que nestas atividades os aspectos da ludicidade deverão estar sempre presente, a postura deste ator social deixa transparecer essa sensação, favorecendo que questionássemos sobre estas vivências no ambiente escolar. Das informações prestadas, a narrativa indicou a continuidade das atividades desenvolvidas na fase que antecederam a escola, interrompida a partir da 5ª série, ou seja, no 3º ciclo do ensino fundamental, quando o esporte passa a pautar as atividades nas aulas Educação Física escolar, vejamos:

*[...] No primário não. No primário era basicamente, eram..., eram basicamente as mesmas brincadeiras. Eram baleado, pique-esconde, eh, corrida, 1 2 3 de salvar, era basicamente isso, agora tinha o queimado, pião, gude, soltar pipa, essas coisas assim, não mudou muito não na..., na..., no primário. Quando a gente, quando a gente passou pro..., pro..., pro fundamental maior, né? Que é de 5ª à 8ª, sim, aí houve uma modificação, porque já foi à introdução do esporte, eu já fui pra uma escola que tinha prática esportiva, eh, e comecei a praticar o esporte, aí vim me identificar com isso e, então, não é que eu tenha abandonado, mas, dentro da escola, tudo se voltou pra prática esportiva.*

O fato é que o currículo tem traduzido em desejos que assumem significados muitas vezes distantes da realidade escolar e do processo de ensino e de aprendizagem. A ênfase dada ao esporte nas aulas de Educação Física distancia os educandos e educandas de outros conhecimentos que poderiam contribuir com o processo de formação. Neste sentido, os contextos são moldados como “produtos de tradições, valores e crenças muito assentadas, que mostram sua presença e obstinação à mudança quando uma proposta metodológica alternativa pretende instalar-se em certas condições já dadas”. (GIMENO SACRISTÁN, 2000: 28)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente texto, tomamos como referências, as narrativas dos professores de Educação Física, na tentativa de percebermos indícios da influência do modelo de esporte enfatizado na fase escolar, bem como, as referências de estudos que ratificassem tal influência e as similaridades em relação ao tempo vivencial e o tempo histórico.

Nesse sentido, observamos que a cultura esportiva estava atrelada a um conjunto de fatores que demonstravam certa intencionalidade, sobretudo, quando os valores e os costumes que permeavam a cultura esportiva, eram determinados por classes sociais, provocando sistematicamente mudanças de ordens socioculturais, políticas e econômicas na sociedade

brasileira. A esse respeito recorremos ao trecho dos estudos Bourdieu (1990: 210) que sinaliza a necessidade de observarmos essas transformações, vejamos fragmento abaixo:

*A história das práticas esportivas só pode ser uma história estrutural, levando em conta as transformações sistemáticas acarretadas, por exemplo, pelo surgimento de um esporte novo [...] ou a difusão de um esporte existente [...]. Uma das dificuldades na análise das práticas esportivas reside no fato de que a unidade nominal [...] mascara uma dispersão, mais ou menos forte, conforme os esportes, das maneiras de praticá-los, e no fato de que essa dispersão cresce quando o aumento do número de praticantes [...] é acompanhado de uma diversificação social desses praticantes.*

Diz, ainda, o autor:

*Para que uma sociologia do esporte possa se constituir, é preciso primeiro perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes. (1990: 208)*

Portanto, a presença do esporte enquanto elemento da cultura corporal mais evidenciado nas aulas de Educação Física, demonstrando a possibilidade de mudanças significativas no perfil dos profissionais da área de Educação Física. Evidentemente, que são questionáveis as reais intenções sociais e políticas para a introdução do esporte no âmbito da cultura escolar. A esse respeito, recorremos aos estudos de Taborda de Oliveira (2001: 42), que sinaliza a intencionalidade da introdução do esporte na escola, através da Educação Física. Vejamos no fragmento abaixo:

*A idéia corrente de que o desenvolvimento do esporte através da Educação Física escolar ganhou força e até mesmo se consolidou a partir do ideário do governo totalitário, devidamente amparado em fórmulas bem sucedidas em outros países (transplante cultural), é imprecisa a partir do momento que desconsidera as especificidades da formação sócio-histórica da cultura brasileira, inclusive de suas práticas corporais e da intervenção dos sujeitos no interior da instituição escolar.*

A partir do panorama apresentado, poderíamos dizer que as discussões que relacionavam e ainda relacionam o esporte e o currículo escolar, podem ter se apoiado na área Educação Física para garantir que as práticas esportivas ganhassem corporeidade, e se perpetuassem nas memórias dos profissionais da referida área, ancoradas em referências que apontassem para a necessidade de enquadrar o País no cenário mundial.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte**. In:\_\_\_\_. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3ª ed. Ijuí- Rio Grande do Sul, RS: Ed. Unijuí, 2005. 136p. (Coleção educação física).

BRASIL. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5692 de 11.08.71, capítulo I. Do Ensino de 1º e 2º graus**. MEC, DFU, Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1974. Disponível no Site: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/15692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm), Acesso em 15 de dezembro de 2014.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Metodologia do ensino de Educação Física**/ Lino Castellani Filho... [et al.]. – 2ª edição revista. – São Paulo: Cortez, 2009.

GIMENO SACRISTÁN, José. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**; Tradução Ernani F. da F. Rosa. – 3ª Edição – Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_ **Saberes e incertezas sobre o currículo**/ José Gimeno Sacristán (Org.); Tradução Alexandre Salvaterra. – Porto Alegre: Penso, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HUIZINGA, Johann: **Homo Ludens**; Tradução: João Paulo Monteiro. – 4ª Edição - São Paulo: Perspectiva, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ª Edição, 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurelio. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência**. Tese de doutorado. Programa de Estudos de Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade PUC/São Paulo, 2001.